

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16587 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 22 - Educação Especial

Surdos em Movimento: Narrativas da Escola à Universidade

Juliana de Oliveira Pokorski - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Lodenir Becker Karnopp - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cristiano Pereira Vaz - PPGEDU/UFRGS

Agência e/ou Instituição Financiadora: Cnpq e CAPES

## **SURDOS EM MOVIMENTO: NARRATIVAS DA ESCOLA À UNIVERSIDADE**

**RESUMO:** Este texto tem como tema a escolarização de surdos, seus percursos, travessias e desafios. A partir de um projeto de extensão pessoas surdas narram suas mudanças e seus percursos escolares, na década de 1980-2000, em busca de escolas e universidades que oferecessem educação em língua de sinais, período em que a Língua Brasileira de Sinais não era reconhecida na legislação. Foram realizados seis encontros durante o ano pandêmico de 2021, por meio de transmissões no YouTube, com treze surdos que narraram suas experiências de mudança de estado, do leste e nordeste do país, para o Rio Grande do Sul. Tais relatos compõem o corpus a partir do qual se produz a presente investigação. Portanto, esta pesquisa objetiva analisar os elementos linguísticos e pedagógicos que constituíram os processos de escolarização dos surdos, bem como as marcas das experiências desses sujeitos que culminaram em um processo migratório. As narrativas analisadas indicam que os estudantes surdos percorrem diferentes regiões, a fim de encontrar espaços de pertencimento cultural e de escolarização, adequados às suas especificidades culturais e linguísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Escolar. Educação de Surdos. Língua de Sinais.

O presente trabalho é fruto da articulação entre projeto de extensão concluído (**AUTORES, ANO**) e pesquisa de doutorado em andamento. O objetivo é analisar os elementos linguísticos e pedagógicos que constituíram os processos de escolarização dos surdos, bem como as marcas das experiências desses sujeitos que culminaram em movimentos migratórios. Foram analisadas entrevistas com sujeitos surdos que narram suas histórias de vida, de escolarização e de resistência aos processos de audismo, evidentes por meio de intolerância linguística nas escolas e instituições que frequentaram. São recorrentes narrativas de percursos vivenciados até encontrarem um espaço de conforto linguístico, de encontro com pares surdos e de reconhecimento de si como sujeito de direitos e potencialidades.

Para alcançar o objetivo proposto, a produção de dados se desenvolveu através de entrevistas realizadas em seis encontros transmitidos pelo Youtube no ano de 2021, com participação de treze pessoas surdas que passaram por esse movimento nômade/migratório. Todos os encontros foram realizados em Libras com interpretação simultânea para o português e partiam de uma questão aberta em que os participantes eram convidados a narrar os motivos pelos quais haviam optado por se mudar para o Rio Grande do Sul. Após cerca de quinze minutos de explanação, os entrevistados respondiam os questionamentos do público e do mediador ou mediadora que também era surdo/a.

As experiências compartilhadas, por meio de narrativas recorrentes sobre a mudança realizada, de um estado para outro, mostram a diferença da educação de surdos e o percurso árduo empreendido desde a educação básica até a graduação. Algumas pesquisas também abordam esses processos de mudanças ou nomadismos das pessoas surdas que buscam pela língua de sinais e pela comunidade surda. Hillesheim e Thoma (2013) desenvolvem o conceito de nomadismo para discutir os tensionamentos que envolvem a diferença surda e a inclusão escolar. Destacam que a mobilidade é uma característica da trajetória escolar de estudantes surdos, que reinventam fronteiras e criam espaços e passagens. Assim: “Mais do que as escolas propriamente ditas, o que esses sujeitos surdos nos trazem são os trajetos, as formas como transpassam fronteiras e criam passagens.” (p. 203-4).

A proposta central, no estudo desenvolvido por Hillesheim e Thoma (2013), é discutir como a diferença surda e o nomadismo perturbam os espaços escolares, problematizam a norma e tensionam as políticas de in/exclusão. Os relatos que serviram como material empírico para as análises desenvolvidas por elas se aproximam das narrativas que encontramos no curso de extensão realizado em 2021, pois envolvem deslocamentos, nomadismos, mudanças, cruzamento de fronteiras. Consideramos que tais narrativas remetem para algo, de certo modo, transgressivo e desafiador. Em outras palavras, cruzar fronteiras é também uma possibilidade de construir outras formas de conhecimento, de articular "coisas diferentes" e produzir algum tipo de conhecimento fronteiro e, talvez por isso, transgressor, provocativo, levando a se pensar em novas possibilidades (Fornäs, 2022).

Entre os anos de 2007 e 2008, o Grupo Interinstitucional de Pesquisas em Educação de Surdos (GIPES), desenvolveu uma larga investigação acerca das condições linguísticas e educacionais dos escolares surdos no Rio Grande do Sul. Dentre diversos dados produzidos, observou-se que mais da metade dos e das estudantes havia tido ao menos uma transferência ao longo de sua vida escolar, sendo que, na região metropolitana - região com o maior número de escolas de surdos do estado - mais de 80% havia trocado de escola ao menos uma vez (Karnopp, Pokorski e Millette, 2016). Quando questionados sobre os motivos para esse trânsito entre instituições, a busca por uma escolarização em língua de sinais foi a principal justificativa apontada.

Dado semelhante é encontrado na pesquisa de Vaz (2017) na qual o pesquisador investiga a educação de surdos na fronteira entre Brasil e Uruguai e percebe que muitos

escolares surdos transitam entre as escolas da fronteira em busca do encontro com seus pares e com uma língua de sinais, ainda que não seja a sua língua habitual. Segundo o autor, “percebe-se que o movimento escolar dos surdos é de procura por uma escola para surdos [...] mesmo que seja necessário adquirir/aprender outras línguas” (Vaz, 2017, p. 98-99).

Nas entrevistas analisadas neste texto, há também este movimento em busca da língua de sinais, no entanto a diferença está nas longas distâncias percorridas, que implica em deixar o lar, muitas vezes a família, e ir ao encontro de outras culturas. No quadro a seguir é possível ter um panorama das trajetórias empreendidas:

<b>Nome</b>	<b>Local de origem</b>	<b>Destino</b>	<b>Ano</b>
Rosa Virgínia	Feira de Santana - BA	Escola Concórdia - Porto Alegre	1981
Ricardo	Rio de Janeiro – RJ	Escola Concórdia - Porto Alegre	1994
Pablo	Salvador – BA	Escola Concórdia - Porto Alegre	NI
Jamilly	Maceió – AL	Escola Concórdia - Porto Alegre	2004
João	Maceió – AL	Escola Concórdia - Porto Alegre	2006
Alexandre	Rio de Janeiro - RJ	ULBRA - Canoas	2000
Ian Nicolau	Rio de Janeiro - RJ	ULBRA - Canoas	2000
Érika Vanessa	Maceió – AL	Escola Concórdia - Porto Alegre	2000
Rodrigo	Fortaleza – CE	Escola Concórdia - Porto Alegre	2002
Gláucia	Recife – PE	ULBRA - Canoas	2004
Marcelo	Recife – PE	Escola Concórdia - Porto Alegre	2002
Camila	Fortaleza – CE	ULBRA - Canoas	2000
Fabiano	Jacaré dos Homens - AL	ULBRA - Canoas	2000

Quadro 1: Informações sobre os convidados do curso de extensão

Durante as lives do curso de extensão, esses convidados contaram que a educação foi o objetivo do percurso: migraram para realizar a educação básica e/ou ensino superior. Esse panorama inicial nos possibilita perceber que muitas pessoas surdas migraram para o Rio Grande do Sul bastante jovens, e muitas vezes sozinhos, ou apenas com um familiar ou amigo.

Na sequência da pesquisa, organizamos a análise em três eixos que sistematizam as narrativas produzidas durante as entrevistas. Primeiramente identificamos narrativas que indicam o privilégio audiocêntrico na escola, o que causou vergonha e sofrimento nos

estudantes surdos. O segundo eixo identificado foi o apoio recebido pela comunidade surda, ou seja, por colegas e amigos surdos que compartilharam informações e indicaram espaços de pertencimento linguístico. O terceiro eixo indica que a presença e uso da língua de sinais na escola foi o aspecto central no processo diaspórico. Desse modo, a partir desta percepção de si, ao concluir a educação básica, esses sujeitos decidiram empreender mudanças em suas vidas, em busca por espaços educacionais, onde tivessem condições linguísticas e educacionais de prosseguir seus estudos.

No primeiro eixo analítico, encontramos o privilégio audiocêntrico, que se relaciona com o audismo, conceito que refere a discriminação, opressão, preconceito contra pessoas surdas, conforme discussões propostas por Eckert e Rowley (2013). Os fragmentos a seguir estão destacados em *itálico* para referir a narrativa sinalizada. Vejamos os exemplos que evidenciam audismos.

*(...) Porque por muitos anos eu fui aluna da escola inclusiva, onde eu permaneci por muito tempo com alunos ouvintes, sem acessibilidade nenhuma, sem intérprete de Libras, sempre dependendo dos colegas, copiando os conteúdos, os cartazes... tentando entender o que a professora falava, muitas vezes de costas, escrevendo um quadro e falando em língua portuguesa os conteúdos da aula. (...) Enfim, foram momentos tensos de muita dificuldade, até eu chegar no ensino médio. (Camila)*

*O pessoal costuma tirar onda de quem é surdo, você sabe, né? Eu não preciso explicar tudo isso. Mas foi bem dolorido. E aí eu não queria mais ir pra escola, eu bati o pé, porque eu não queria. Eu queria fugir de casa, sabe? Eu não ia, não ia. Eu bati o pé e disse, eu não vou pra escola. Não vou, não, pra mim não fazia bem. (Marcelo)*

Consideramos que o privilégio audiocêntrico evidencia relações de poder entre as línguas e se manifesta quando a modalidade oral-auditiva é valorizada, mas a modalidade gestual-visual é desconsiderada. O audismo se manifesta quando discrimina e oprime as pessoas surdas, por exemplo, quando se acredita que a língua oral é considerada melhor, quando se julga que a língua de sinais é incompleta, insuficiente. Práticas audistas não reconhecem a língua de sinais nem a necessidade de uma educação bilíngue.

No segundo eixo analítico identificamos o compartilhamento de informações entre os surdos, evidenciando o valor da comunidade surda e a forma como buscam estratégias de sobrevivência nos espaços educacionais, questão já sinalizada no texto de Thomas Holcomb (2011).

*Na universidade eu tinha uma coisa muito boa para mim, que foi o contato com os outros colegas surdos. Ali eu conseguia trocar um monte de informação. Eles conseguiram me ajudar muito na minha adaptação aqui no Rio Grande do Sul. Eles me levaram para passear e conhecer tudo que é canto. E da maioria deles eu sou amigo até hoje, né! A gente manteve esse vínculo. (Fabiano)*

*(...)Eu lembro que tinha um evento na Associação dos Surdos de Recife, de Pernambuco. (...)E a gente tava lá, conversando. E aí, o Rodrigo começou a falar sobre os anseios na escola. Que ele tava se sentindo meio mal. E aí, eu disse: ah, eu também! (...) a gente tava no segundo ano do ensino médio. E a gente começou, ué, vamos, vamos pra Porto*

*Alegre? Que tu acha? Ele disse, vamos! (Marcelo)*

Algumas instituições de ensino superior, localizadas no Rio Grande do Sul, foram pioneiras na implementação de propostas educacionais que possibilitaram o acesso e a permanência de surdos em cursos de graduação, por meio da presença da Libras e de Tradutores Intérpretes de Libras durante as aulas. Essas instituições tornaram-se referência e local onde os surdos buscavam continuar seus estudos (Goulart, 2023).

As narrativas destacam as experiências de vida, o valor do contato entre os surdos, do compartilhamento de informações, da companhia e amizade que firmaram para enfrentar desafios acadêmicos e pessoais. Neste sentido, Holcomb (2011) destaca que, o compartilhamento de informações se torna um mecanismo de sobrevivência para que possam permanecer na escola, quando esta não é acessível para esse estudante.

O terceiro eixo analítico indica a centralidade da língua de sinais na cultura surda. Glaucia, uma das entrevistadas, afirma que, ao ter contato com surdos e com a língua de sinais, percebeu uma mudança de vida: *“eu fui entendendo que essa é a minha identidade. Não tem como explicar. Eu me empoderei.”*

Camila destaca que, por meio do reconhecimento da língua de sinais e da presença de tradutores intérpretes de Libras, conseguiu concluir o curso de graduação: *E fui, então, para os sistemas de informação - Bacharelado, até me formar. (...) Foi muito satisfatório. Eu adquiri muito conhecimento. Me sentia muito feliz. E eu ficava pensando como seria tudo isso sem intérprete. (Camila)*

Já Fabiano destaca as mudanças na legislação, no impacto do Decreto 5626/2005:

*Então, depois de 2002, começou a ter muitas mudanças, principalmente depois de 2005, por causa do Decreto, a gente começou a ter intérpretes nas universidades federais, e vagas universitárias, e ali foi um momento de explosão para mim, porque eu comecei a me apropriar de muitos conceitos, muitas ideias no âmbito acadêmico. (Fabiano)*

A busca pela Libras é recorrente, pois os surdos, muitas vezes, mudam de cidade e até mesmo de estado, para frequentarem ambientes bilíngues. Essas mudanças acontecem por conta da necessidade da língua de sinais como L1 como língua de instrução, responsável pela formação dos alunos surdos. Concluímos que a trajetória educacional de surdos apresenta situações de sofrimento, audismos e privilégios audiocêntricos. Por outro lado, a comunidade surda e o compartilhamento de informações emergem como apoio nas mudanças empreendidas, sustentadas pelo uso da língua de sinais.

## REFERÊNCIAS

ECKERT, Richard C.; ROWLEY, Amy J. Audism: A Theory and Practice of Audiocentric Privilege. **Humanity & Society**, United States, v. 37, n. 2, p. 101-130, 2013. DOI: 10.1177/0160597613481731.

FÖRNAS, Johan. Crossing borders, defending distinctions. **International Journal of Cultural Studies**. Vol. 23, n. 3, May 2020, p. 298-309

GOULART, Daiana S. M. **Tecendo histórias sobre a profissão: tradutores e intérpretes de Libras no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2023.

HILLESHEIM, Betina; THOMA, Adriana da S.. Diferença surda, nomadismo e inclusão escolar: tensionamentos. In: TRAVERSINI, Clarice S. et al. (Eds.). **Currículo e Inclusão na escola de Ensino Fundamental**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 197–207.

HOLCOMB, Thomas K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOPP, Lodenir B.; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L. (Eds.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. 1. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2011. p. 139–149.

KARNOPP, Lodenir B.; POKORSKI, Juliana de O.; MILLETTE, Renelle. Educação de surdos no Rio Grande do Sul. In: LINS, Heloísa A. M.; SOUZA, Regina M. de; NASCIMENTO, Lilian C. R. (Eds.). **Plano nacional de educação e as políticas locais para implantação da educação bilíngue para surdos**. Campinas: Unicamp, 2016. p. 91–104.

VAZ, Cristiano P.. **Educação de surdos na fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.